

Ensaio sobre uma psicopatologia do éter do espaço vivido

Essay on a psychopathology of the ether of lived space

Ensayo sobre una psicopatología del éter del espacio vivido

DOI: 10.5281/zenodo.21937034

Recebido: 13 ago. 2026.

Aprovado: 14 ago. 2026.

Caio César Costa Santos

Doutor em Psicanálise pelo Instituto Gaio de Ensino Superior (Lagarto - Sergipe, Brasil)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

O ensaio ora apresentado discute sobre o fenômeno de aparição de corpúsculos luminosos diante à mente e o campo visual. Na introdução, pincelamos alguns traços sobre uma humanidade adoecida. No tópico seguinte, fundamentamos em linhas gerais o conceito de éter. E, por fim, no último tópico, abordamos o tema central deste ensaio: o estímulo da vibração destas partículas ao preencher o espaço vivido do doente causando uma serie de aparições de fantasmas luminosos. Nosso método é fenomenológico. E nosso objetivo é trazer ao leitor uma certa teorização de um tema muito pouco conhecido na psicopatologia fenomenológica.

Palavras-chave: Psicopatologia, Éter, Espaço vivido.

ABSTRACT

This essay discusses the phenomenon of the appearance of luminous corpuscles in the mind and visual field. In the introduction, we outline some aspects of a sick humanity. In the following section, we provide a general foundation for the concept of ether. Finally, in the last section, we address the central theme of this essay: the stimulation of the vibration of these particles, filling the lived space of the patient, causing a series of apparitions of luminous phantoms. Our method is phenomenological. And our objective is to offer the reader a certain theoretical understanding of a topic that is little known in phenomenological psychopathology.

Keywords: Psychopathology, Ether, Lived space.

RESUMEN

Este ensayo analiza el fenómeno de la aparición de corpúsculos luminosos en la mente y el campo visual. En la introducción, describimos algunos aspectos de la condición humana. En la siguiente sección, ofrecemos una base general para el concepto de éter. Finalmente, en la última sección, abordamos el tema central de este ensayo: la estimulación de la vibración de estas partículas, que llenan el espacio vital del paciente, provocando una serie de apariciones de fantasmas luminosos. Nuestro método es fenomenológico. Nuestro objetivo es brindar al lector una comprensión teórica de un tema poco conocido en la psicopatología fenomenológica.

Palabras clave: Psicopatología, Éter, Espacio vivido.

1. INTRODUÇÃO

No ápice do rebuliço do século XIX e entre o interstício de duas guerras mundiais, a marca do conceito de “existência” ficou cravada na imagem do mundo. Tal existência, sobretudo, humana, fez do homem um “semideus”. Na verdade, toda esta visão egocêntrica fez, da filosofia, um modo também de sobrevida cujo centro norteador do mundo deveria ser sempre o *ser-humano* em detrimento aos demais seres. Mesmo com as guerras civis, culturais e econômicas dos séculos passados desde a Antiguidade, foi o século XIX, o *desfecho do homem na tragédia de si mesmo*. Sendo assim, para muitos, a sua imagem ficou “distorcida”, o seu reflexo nebuloso e o tal “egocentrismo” deu margem à estruturação de uma raça humana definitivamente “enlouquecida”. Hoje, esta é *a imagem* que alguns místicos (ou todos eles) se fez do homem mundano: “um homem preso a si mesmo com marcas psíquicas profundas que revelam a sua fragilidade e a sua tamanha perplexidade diante o reflexo que ele se tornou”.

Este breve apanhado histórico deste ensaio foi apenas para dizer que foi, no século XIX, que mentes abstratas e brilhantes criaram como sentido último para nossa existência - uma fundamentação para o esclarecimento do *adoecimento* da própria raça humana - quando, no calor das revoluções, - o homem *adoeceu*. Assim, ao nosso ver, mesmo que a ciência de um modo geral tenha possibilitado a imagem do homem como um “semideus”, por outro lado, o próprio reflexo do homem ao se ver na imagem do mundo se *corrompeu*. Logo, a sua estrutura física e, sobretudo, *psíquica*, acabou por dissolver-se junto à *corruptibilidade* do próprio mundo e, mais ainda, do próprio *pensamento humano*.

O que se quer dizer aqui com outras palavras é que, mesmo que a raça humana não tenha de imediato percebido, mas foi necessariamente o seu “pensamento” ou “a imagem ou *consciência coletiva* de seu próprio pensamento” (JUNG, 2002), o *gérmen* que desencadeou a tenebrosa corruptibilidade do mundo, bem como de todo o *psiquismo* desta era atual. Dito isto, infelizmente o homem não percebeu e, quando acordou, já era tarde demais.

Acontece que é incrível como os seres humanos vivem por viver, mas, em suma, não percebem o “estrago” que estão fazendo com o mundo e, o pior, com eles próprios. E, detalhe, toda esta séria *ruptura* aqui apresentada *desmorona* todos os edifícios mundanos; tanto o intelecto humano sofre tal “corrosão”, quanto a imagem viva do mundo ou, se para falar com um termo de Merleau-Ponty (2018), *a carne do mundo*. Assim, parece que desde o século XIX, que seria o começo do “boom catastrófico”, toda a estrutura de nosso mundo resolveu, então, se diluir.

Portanto, é neste *ensaio*, que demonstraremos de que forma o *psiquismo humano* (sobretudo, o *pensamento*) tem relação intrínseca com o adoecimento de um grande número de seres que, por fim, não perceberam, mas eles próprios são a principal causa do *apodrecimento* da carne do mundo. Contudo,

lembramos aqui que não apresentaremos os efeitos universais (ou do mundo), mas nos atentaremos à uma parte específica deste referido “adoecimento” e esta particularidade seria uma breve “psicopatologia do éter do espaço vivido”. Novamente, lembramos: o ser humano não percebe (ou finge não perceber), mas toda a sua estrutura psíquica tem estado *arruinada* devido, novamente, “à impetração do movimento contrário de *seu pensamento* no teor substancial do tecido do espaço”. Assim, alguns poucos efeitos disto serão apresentados aqui numa espécie de *fenomenologização do espaço vivido* numa psique sintomaticamente alterada (“adoentada”) cujo fio condutor que conecta “mente” e “corporalidade” são vistos como o produto de uma substância pouco conhecida, mas real - “o éter”.

2. O ÉTER

Mas, por que o “éter”? Qual seria a relação do “éter” com a psicologia (ou com o psiquismo)? Sendo o “éter” matéria-prima da Natureza, o que tem haver ele com o humano? O éter, para se utilizar de uma metáfora, seria “uma *semente psíquica* em estado de germinação à medida que se *prolifera* no espaço da vida” (ROERICH, 1930). Em contrapartida, o conceito de “éter” na física surge como um ponto invisível “incomensurável” e “insondável”; seria, fisicamente falando, “uma partícula infinitesimal presente na atmosfera a qual é possível sentir, mas não “ver”. Acontece que, para a física, o “éter” somente consegue “existir” na presença de *ondas de luz* porque sem a luz o éter não poderia existir. Porque é como se as partículas de natureza “etérica” estivessem contidas também em todo foco de luminosidade e, mais, seu caráter de “viscosidade” só seria possível com a presença ao mesmo tempo absoluta da “luz”. Diante disto, cada força etérea se *estimularia* centripetamente ao se chocar de modo abrupto com a também súbita *luminosidade*. Tanto as ondas de luz proporcionam força e dão corporeidade às partículas de éter, quanto estas se contraem e se disseminam graças às ondas de luz.

Contudo, para os propósitos deste ensaio, precisamos nos deter em uma única forma do éter que seria - “o éter do espaço”. Em, *Tratado sobre a luz*, Huygens (1960) nos diz - “o éter luminoso *penetra* a substância de todo corpo material com pouca ou nenhuma resistência, tão livre talvez quanto o vento passe através de um bosque de árvores”. Em outras palavras, o veículo etérico *perpassa tudo* porque, no mais, perpassa todo o corpo material e, mais, uma coisa como “a matéria” se cria a partir do éter e mais três substâncias - átomo, energia e tempo. Contudo, acontece que o éter do espaço tem uma especificidade. Como o éter em geral se acomoda ou se amolda em todo corpo material, antes disso, ele se insinua penetrar em todas as camadas subterrâneas do espaço. Tal espaço sem a temporalidade não é nada porque além do movimento proporcionado pelas partículas de éter; este conjunto de éteres só pode se movimentar no espaço através da dinâmica do tempo. Porém, o tempo do espaço aqui não será nosso foco.

Dito em termos bem sintéticos e simplórios, o espaço possui uma espacialidade que se torna um “ser”. Sim, muitos físicos para provar isto que os místicos afirmam têm percebido que o espaço é um “ser”; um ser com toda a designação possível na etimologia da palavra. Alguns filósofos falam até de uma “ontologia do ser do espaço”. Esta definição se dá justamente por conta da *comprovação* da existência do éter no espaço. A natureza do tempo daria o movimento ou a dinâmica do espaço, enquanto que a natureza do éter constituiria a “mente” do espaço e, mais, tal éter seria o responsável por “dar corpo” ao espaço. É por isso que falamos hoje de um “espaço vivido” na ciência da psicopatologia fenomenológica justamente porque este termo só é possível porque o espaço, com o éter e sua profunda eterização, *pensa* como pensa um humano. Sendo assim, na introdução deste ensaio, falamos brevemente de como a humanidade tem se deteriorado tendo como causa, sobretudo, o seu próprio psiquismo. Desta forma, a teoria do éter do espaço seria uma das chaves para compreender o adoecimento das estruturas do mundo vivencial cujo o efeito reflete em todos os cantos do espaço.

Aqui, o “espaço” seria o termo-chave. Por enquanto, não o “espaço vivido”, mas o espaço *ipso facto*, ou seja, o “espaço” em termos físicos mesmo. A ciência já comprovou substancialmente e por experimentos a existência do éter. Em contrapartida, a ciência esotérica está muito mais a frente quando ver no “éter do espaço” uma forma de *ser vivo*. Eles pensam assim - “como tudo na atmosfera é criado e ao mesmo tempo vivo, o éter seria, para eles, a substância primária originada do Cosmos e que *forma* tudo. O autor deste ensaio ao fazer uma pesquisa minuciosa sobre a “eterização do espaço” não encontrou nada em termos relativos à física, apenas no campo do esoterismo. Como dito, a física provou apenas a existência do éter, mas o “funcionamento” por detrás da dinâmica de eterização do espaço, para os físicos, ainda é um mistério, uma incógnita.

O físico Huygens (1960) diz - “direi, no entanto, que se pode conceber que essas partículas de éter, apesar de seu pequeno tamanho, são ainda compostas de outras partes, e sua *elasticidade* consiste no movimento muito rápido de uma *matéria sutil*, que as *atravessa* de todos os lados, e obriga sua estrutura a se dispor de modo que forneça a *esse fluido* a passagem mais aberta e fácil possível”. A física moderna, desde Newton, já comprovou que o “éter” é uma espécie de *líquido aquoso* (ou um fluido) que transpassa e/ou atravessa todo corpo material. Além da física, a metafísica desde Aristóteles, sugeriu que o éter é uma matéria sutil e/ou celeste que os próprios físicos hoje dizem que, sem conseguir descobrir a sua real origem, dizem apenas que é criação e mistério de Deus.

Sendo assim, matéria fluida, elétrica ou magnética, o éter desde os filósofos do Egito e do Oriente (muito antes da Antiguidade Grega), se mostra como uma *realidade absoluta*. Passado este tempo, como dito na introdução, este século XIX foi o *momentum* decisivo para a ciência, sem dúvidas, porque

personalidades como Helena Blavatsky, Rudolf Steiner, Alice Bailey, Helena Roerich, Charles Leadbeater, Annie Besant, entre outros; durante a sua passagem terrestre e existencial, deixaram fundamentações profundas e bem verdadeiras acerca da *gênese* e do *funcionamento* do éter no espaço cósmico. Se durante a Antiguidade ele era ainda um grande mistério, desde o século XIX e por conta da presença viva destes seres, a eterização do mundo hoje é uma realidade comprovada e evidente.

Segundo Einstein (1920), o éter parece ser realmente uma “entidade abstrata e automovente no momento em que suas partículas *vibram* esplendorosamente no meio “vazio” do espaço - ele diz - “parecia indiscutível que a luz deveria ser interpretada como um processo vibratório em um meio inerte elástico que preenchia todo o espaço”. Esta luz, para Einstein, seria *a luminescência do processo de vibração da eterização de todo o espaço*; o que Isaac Newton denominou de “éter luminífero” que na Teosofia com Blavatsky se chama “éter luminoso”. Desta forma, tanto o *obscurcimento* do espaço, quanto a sua *iluminação* no tecido do espaço seriam provocados pela eterização das partículas de éter. Em termos esotéricos, o éter é tanto Luz, como Trevas.

Todo o corpúsculo luminoso se constitui por um lado de luz e, por outro, de éter. Einstein em 1920 já havia comprovado que em todo o meio há contido corpúsculos luminosos (ou ondas vibratórias de luz) e este “meio” é preenchido pelo éter o que, de modo súbito e imediato, constituirá o espaço que conhecemos. Assim, a sobressaliência de todo corpo material dado e/ou visto no espaço é decorrente de corpúsculos constituídos de “luz”, bem como de “éter”. Mesmo assim, o éter está contido tanto na luz, como no espaço. Acontece que o espaço também é uma matéria, e viva, do contrário não existiria. Sendo matéria, todo o espaço é preenchido de luz juntamente com éter porque, a luz já é uma matéria etérica. Assim, o espaço *absorve* a luz etérea e se torna “luminoso”. Isto em termos físicos.

Em termos místicos, o espaço é um “ser vivo” que através da luz e do éter *cria* a sua existência. Sendo assim, o espaço se acomoda a toda superfície, sendo esta superfície a luz. A luz seria o *substratum* do espaço que o “moveria” através das partículas de éter. O espaço estando iluminado, aparecem então todo o corpo material que absorve todo o resquício do lume cocriado quando o espaço se constituía. Assim e somente assim, a matéria *adquire* forma quando antes ela era também um corpúsculo invisível como o éter. Luz, átomo e éter formaria o espaço que conhecemos.

Para comprovar isto, no *Livro dos espíritos*, Allan Kardec ([1897] (2021)) afirma - “há um fluido etéreo que *enche* o espaço e *penetra* os corpos. *Esse fluido* é o éter ou matéria cósmica primitiva, geratriz do mundo e dos seres”. Em outra parte, ele também diz - “Deus, como Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas, o Espírito, como Ser Inteligente, e a matéria são o princípio de tudo o que existe, sendo a matéria (luz coagulada) um estágio transitório do fluido cósmico universal/éter”.

Sintetizando: a física comprova a existência do éter no meio (espaço) e a metafísica e/ou a mística descreve de modo profundo o processo de eterização de suas partículas.

3. A PSICOPATOLOGIA DO ESPAÇO VIVIDO

Novamente, dizemos, somente com o progresso científico do século XIX, a teoria sobre o éter começou a ter êxitos. Dizemos isto porque, neste referido século, Minkowski ([1933] (2011)), também físico, criou uma teoria sobre a espacialidade e, com isto, trouxe uma categoria “física” que é o espaço para a psicopatologia. Minkowski estava correto. A teoria sobre o espaço vivido é mesmo evidente para também diagnosticar possíveis alterações psíquicas no indivíduo, dentre elas, se destaca - a “agorafobia” e a “fobia social”, como também a “alucinação visuo-espacial” ou “neurose do espaço”.

Neste último tópico de nosso ensaio, trataremos de dois casos bem peculiares apresentados no Vol.1 da *Psicopatologia geral* de Karl Jaspers (1979). Tais exemplos de caso são verídicos e muito ricos. Vejamos:

Caso 01

Um exemplo de memória dos sentidos é a seguinte autodescrição (do conselheiro privado Tuczek de Marburgo, que a colocou amigavelmente à nossa disposição): “Uma grande parte do dia me tinha ocupado por horas a fio em colher maçãs. Numa escada, manipulava o coletor de maçãs olhando sem interrupção para cima a copa das árvores e puxando a tesoura amarrada a uma vara comprida. Quando ia à noite para a estação de ferro pelas ruas mal iluminadas da cidade, *fui sensivelmente estorvado na caminhada por ver constantemente diante de mim os ramos carregados de maçãs*. O fenômeno era tão insistente que não pude deixar de andar com a bengala na frente, agitando o ar vazio; o fenômeno durou várias horas até deitar-me e adormecer (JASPERS, 1979, p. 86, grifo meu).

Este caso é bem característico de como a matéria inerte no espaço concreto se torna uma *matéria viva* ao ser transpassado para a mente em forma de representação dentro de um certo intervalo perceptivo de tempo. Tratei deste estado em específico no ensaio “O nada objetal”¹. Aqui, mais uma vez, é o relacionamento com o espaço vivido que projeta e nos projeta coisas assim. Ou melhor, nos teletransporta a um estado ou a uma situação muitas das vezes esquisitas e que nos parece como “anormal”. Como este caso do vislumbre do lume das maçãs, o mesmo pode ocorrer com qualquer pessoa a menos que ela fique minutos e até horas a fio numa única direção visuo-espacial. É que, como disse Aristóteles (2015), “a vida é uma mimesis da realidade”, ou seja, se tudo é um reflexo, o que dizer então de nossa mente. Antes de que

¹ SANTOS, C. C. C. . O nada objetal. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 11, n. 31, p. 64–75, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6635944. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/652>. Acesso em: 21 ago. 2024.

algo se mova, a mente de antemão *já tinha movido*. E este movimento é o reflexo que ela própria faz em torno dela e, sobretudo, em seu interior. Não podemos dizer que este caso seja um claro exemplo de uma psicopatologia, mas, se acontecido de modo recorrente, várias vezes, pode evoluir para um quadro de *paranoia*.

O espaço vivido de Tucek é a copa da árvore. Lá é a origem da recorrente e súbita imagem óptica intuitiva de sua “agonia visual”. Dito de modo abstrato e profundo, neste espaço, dentro das maçãs e no conjunto das árvores havia de fato uma *sintonia* de energia etérea e atômica transcorrendo sem cessação. As maçãs estavam lá; em seu devido lugar, bem como as macieiras. Acontece que neste mesmo espaço, de modo invisível, transpassava sem cessar o fluido cósmico de cada maçã como uma *substância simples* (LEIBNIZ, [1714] (2009)), unificada, única, e, no conjunto das maçãs, estaria *em conexão* com elas as macieiras.

Como um “fluido” ou uma “luz coagulada”, a imagem perceptual das maçãs fica eternizada na consciência perceptiva de Tucek. Seria a ação do éter na forma de representar a maçã na mente de Tucek? É uma possibilidade.

Se o éter se propaga com as ondas de luz, então, o meio é puramente reflexo deste fenômeno. A maçã absorve o campo etérico de seu meio (as árvores) e, assim, pode se projetar-para e em qualquer situação, ser ou fenômeno. A questão primordial neste caso é o “fenômeno”. O fenômeno de Tucek de “ver” horas a fio as maçãs por um grande intervalo de tempo, acabou por trazer, em sua mente, a imagem coagulada do éter da maçã na imanência do *espaço vivido* de relação. Nesta ótica, o espaço seria o acúmulo condensado de seres de todos os tipos, tanto materiais como imateriais.

O universo sensorial de nossa mente é tão abstrato que pode ser *absorvido* por qualquer corpúsculo que tem como direção a luz. Jaspers (1979), para este caso, chamou-o de “uma memória de sentidos”. Mas, podemos aprofundar mais esta definição e dizer - “uma memória modo-alucinante”. Ou seja, o registro episódico e/ou vivido do acontecimento das maçãs ficou como que “eternizado” em sua *memória episódica* (Tulving), ou talvez por conta de seu modo mundano cotidiano de cultivar maçãs, ou pela sua afetividade e/ou *afecção* (Spinoza) para com este espaço vivido em particular.

O reaparecimento das maçãs acontece “de noite” quando as ruas estão pouco iluminadas, travando espaço com as sombras da escuridão. Este fenômeno é óptico por ser também psicológico no sentido de que a sintomática das maçãs recorre-se do efeito luminoso dos postes de rua que pouco iluminavam as estradas de ferro. Novamente, é o efeito da *luminescência* das ondas vibratórias de luz a causa primária do protótipo e/ou imagem fantasmagórica das maçãs. É bem certo também que a relação da mente humana com o espaço produza um “fantasma”, neste caso, “óptico”.

A pouca luminosidade do *meio* acarreta a *pouca vibração* dos corpúsculos luminosos; o que acarreta também de forma consequente a coagulação dos éteres da imagem representacional das maçãs, condensando em um único intervalo de tempo a lembrança e/ou memória do espaço vivido na macieira. Não apenas no inconsciente, mas na *lembrança pura* (Bergson), esta imagem ficou lá por muito tempo junto ao seu tempo duradouro quando do evento que se passava. É incrível mesmo como a mente é uma mimesis da realidade, neste caso, da realidade física. O psíquico acabou por espelhar o físico.

Quanto mais olharmos para o espaço à nossa volta ou para o meio, é como se a mente trouxesse para dentro de si, no mais profundo interior de si mesma, aquela *imagem coagulada do espaço bem como do tempo*. É como se o campo etérico do espaço vivido e/ou experienciado, ou seja, a realidade sumamente concreta, *doasse* algumas partículas etéricas de si na transpassagem para o meio psíquico e doasse também organicamente - a imagem do fantasma. Talvez seja por isto que pintores famosos como Michelangelo ou Van Gogh gostavam de pintar a natureza das coisas porque eles sabiam muito mais que muitos que “a arte imita a vida”.

O mesmo se poderia dizer deste exemplo. O psíquico *imita e/ou representa* a vida, no caro uso dos termos “imitar” e “representar”. No caso de psicopatologias acentuadas, o indivíduo naturalmente rico em imaginação visual e/ou espacial pode *reviver* de modo muito recorrente a reencenação de espaços vividos ou mesmo a sua “ressurreição”. Neste caso em específico, normalmente são imagens-lembranças negativas e/ou sombrias de uma ou mais experiências possivelmente traumáticas.

O éter do inconsciente “gosta” deste tipo de situação quando o indivíduo possui um certo modo obsessivo de estar-voltado sempre para situações e espaços vividos. Em um caso ainda mais importante, na esquizofrenia, o indivíduo pode viver quase que absolutamente o “espaço imaginativo” muito mais que o “espaço vivido”. Em tanto um como no outro, a eterização do espaço, luminoso ou não, estará sempre presente.

Caso 02

Das auto-observações de Johannes Mueller sobre fenômenos fantásticos da visão apresentamos o seguinte excerto: Noites de insônia se me tornavam mais curtas quando podia, por assim dizer, *andar acordado por entre as próprias criaturas de meus olhos*. Quando quero observar estas imagens brilhantes, olho dentro da escuridão do campo visual com os olhos fechados, totalmente em repouso; com uma sensação de relaxamento e máxima tranquilidade nos músculos orbiculares, mergulho inteiramente no repouso sensível dos olhos ou na escuridão de meu campo visual. Afasto todos os pensamentos, todo juízo... Se, de início, o campo visual escuro ainda é rico de pontos luminosos particulares, em névoas, em cores que se trocam e se transformam, logo surgem em seu lugar imagens limitadas de objetos variados, no começo luzindo palidamente, depois mais distintamente. Não há dúvida que eles realmente brilham e muitas vezes são coloridos. Eles se movem, se modificam, surgem muitas vezes bem pela borda do campo visual com uma vivacidade e clareza de

imagem como nunca vemos algo tão claro nas imagens do campo visual. Ao mais leve movimento do olho geralmente desaparecem; também a reflexão os afugenta imediatamente. Raras são as figuras conhecidas, em geral; são figuras singulares, homens, animais que nunca vi, *espaços iluminados onde nunca estive...* Não só à noite, a qualquer hora do dia sou capaz destes fenômenos. Passei muitas horas de repouso, bem distante do sono, observando de olhos fechados estes fenômenos. Muitas vezes necessito apenas sentar-me, fechar os olhos, abstrair-me de tudo, aparecem involuntariamente estas imagens que se me fizeram amigas e logo desde minha tenra juventude... *Frequentemente, a imagem luminosa aparece no campo visual escuro; frequentemente também a escuridão do campo visual, antes de aparecerem as imagens particulares, se vai pouco a pouco iluminando numa espécie de pálida luz diurna interior.* Logo após surge então as imagens. Tão curioso como o aparecimento das imagens luminosas, foi para mim, desde que observo estes fenômenos, a luminosidade progressiva do campo visual, pois vejo surgir dentro deste aos poucos com os olhos fechados a claridade do dia e vejo andar de dia, de olhos fechados, figuras luminosas como produto da própria vida do sentido; e tudo isso em estado vigil, longe de qualquer superstição, de todo fanatismo, com reflexão serena, é para o observador algo estranhamente maravilhoso... *Posso distinguir com toda a exatidão em que momento o fantasma se ilumina.* Fico sentado muito tempo de olhos fechados, tudo que quero imaginar, é pura representação, limitação imaginada no escuro campo visual. Não se ilumina, não se move organicamente no campo visual; *de repente, porém, surge o momento da simpatia entre o fantástico e o nervo de luz;* instantaneamente estão lá brilhando as figuras sem qualquer estímulo da representação. O fenômeno é de todo repentino. Nunca é primeiro imaginado, representado, fazendo-se depois brilhante. Não vejo o que quero ver, posso apenas aceitar o que, sem estímulo algum, devo ver *brilhando*. A objeção de pouco alcance de que se trata apenas de fenômenos representados, como sonho, ou, como se diz, de fenômenos imaginados, desfaz-se naturalmente por si mesmo. *Posso estar horas a fio a imaginar mas, se não existir a disposição para o fenômeno luminoso, as representações anteriores nunca terão vivacidade.* E eis que de repente, contra a minha vontade, sem qualquer associação reconhecida, *aparece algo brilhando que antes não fora representado.* Mas, este fenômeno que sou capaz de experimentar em estado vigil, é fenômeno visual subjetivo tão certo como as estrelas que se veem a uma pancada da cabeça (JASPERS, 1979, p. 86-87, grifo meu).

Como dito, este é outro exemplo real de caso muito rico e complexo. Ao ler o relato episódico, o leitor imediatamente percebe o domínio de Mueller ao descrever de modo fantástico e muito minucioso o detalhamento de aparições ópticas intuitivo-imaginativas. Com uma memória brilhante, ele consegue descrever, de modo muito profundo, até a imanência do estado de sua aparição fantasmagórica. Novamente, neste caso também, é a vibração das partículas de éter das ondas e/ou correntes de luz que faz causar uma imagem óptica coagulada do éter luminoso preso à sua imaginação visual. Não que o olho “imaginasse” propriamente, mas é quase isto. Quando Mueller diz - “andar acordado entre as próprias criaturas de meus olhos” revela a nós o imenso poder penetrativo dos “nervos de luz” que à medida que transpassa o seu campo visual escuro o iluminando, faz projetar a imanência de formas esquisitas; tudo por conta de sua super sensível sensibilidade para com as luzes.

Os “nervos de luz” em estado de formação seriam as “próprias criaturas de meus olhos”. Para Mueller, surgem do espaço do nada estas “criaturas” e/ou “fantasmas”. Ele diz que “figuras” que nunca tinha visto, muito menos experienciado. Diferentemente do caso anterior do espaço vivido, aqui, o tecido metafísico do espaço se forma não de olhos abertos “ao ver as maçãs sendo colhidas e depois refletidas nas estradas de ferro de pouca iluminação”, mas de olhos fechados quando ele diz - “pois vejo surgir dentro

deste aos poucos com os olhos fechados a claridade do dia e vejo andar de dia, de olhos fechados, figuras luminosas como produto da própria vida do sentido”. Neste caso em particular, há uma absoluta e até eterna introspecção do espaço vivido, pois os olhos de Mueller estão fechados e, segundo ele, dentro deste campo visual escuro, *nascem e renascem* formas ou figuras luminosas aparentes que vêm e vão, vão e vai; como se mesmo com olhos fechados ele vesse a claridade de um simples dia.

Este caso em específico acontece com seres humanos que são desprovidos de uma boa visão (sobretudo, os com miopia e/ou descolamento da retina). Porque o campo visual agora tornado muito escuro, estes indivíduos passam a ver apenas a reincidência de focos de luminosidades entrando e saindo de seus olhos; como se fosse uma placa de vidro escura reincidindo o tempo todo luzes. No caso de Mueller como com qualquer indivíduo, ele apenas estava com os olhos fechados e o fenômeno transcorreu. Acontece também que o próprio Mueller certamente possuía uma sensibilidade muito acentuada para a luz, logo, o cristalino de sua retina refletiria quase que perfeitamente toda a maestral organicidade dos corpúsculos luminosos. Pois, como a óptica bem sabe, não somente a mente, mas a organicidade do olho humano foi feita para espelhar e/ou refletir a imagem do mundo e para chegar à mente em forma, cor, substância e luz.

E Mueller segue descrevendo - “*de repente, porém, surge o momento da simpatia entre o fantástico e o nervo de luz*; instantaneamente estão lá brilhando as figuras sem qualquer estímulo da representação”. Neste caso, o instantâneo da imagem seria abruptamente a instantaneidade da luz. Interessante como ele utiliza o termo “nervo de luz” como se a própria luz que conhecemos portasse em sua orgânica um “nervo”, assim como um nervo óptico para o nosso olho. E Mueller frisa - “a simpatia entre o fantástico e o nervo de luz”. Todo o fenômeno que envolve a luz é de uma ordem “fantástica” simplesmente porque a luz assim como o éter penetra tudo.

Contudo, a questão que se pode ser colocada aqui é - “por que Mueller tem uma certa *predisposição* a ‘ver’ estas criaturas dentro de si, ou seja, em seu campo visual?”. Poderia ser isto criação de sua mente fantástica ou algum tipo de psicopatologia? Devemos lembrar que não apenas problemas e/ou alterações visuais decorrentes de alguma doença podem desenfrear a aparição de fenômenos como estes, mas, mesmo no ato presente de o olho “criar” estas criaturas luminosas, ainda assim, é a mente (consciência perceptiva) a sua causa originária.

Segundo Jaspers (1979), este caso pode ser descrito como quando algumas pessoas (normalmente jovens ou pouco adultos) possuem uma memória visuo-perceptiva muito importante e presente que consegue transpassar psiquicamente e opticamente a imagem da forma de um jardim florido do papel quando o vê para o tecido do espaço. Como ele próprio descreve: “se numa folha de papel cinza se

apresentam a pessoas eidéticas imagens de flores, frutos ou de quaisquer outros objetos, elas podem ver, depois de retiradas as imagens, de novo o objeto com todas as particularidades, talvez diante ou atrás do papel” (JASPERS, 1979, p. 87). A situação-fenômeno se assemelha a quando olhamos detidamente para uma figura física no espaço (como um simples lápis) e em segundos depois, ao retornar o campo visual para o centro do computador, o lápis reaparece nitidamente bem na frente do aparelho. Segundo Jaspers, estes indivíduos são seres com uma natureza eidética muito forte, o que quer dizer que, no caso de sua consciência visuo-perceptiva, eles *absorvem* aquilo que é essencial durante o calor das coisas. Seres assim têm uma ótima imaginação e/ou memória visual e conseguem memorizar situações e/ou lugares de modo muito preciso. Neste caso, lembremos então de Goethe e sua autobiografia onde ele descrevia até como eram os cheiros das flores na primavera de sua juventude.

Neste sentido, toda a combustão voltaica dos éteres tanto no interior do pensamento de Mueller quanto na sua reincidência dos cristais luminosos dos nervos de luz de seu campo visual atestam para o fato de que toda esta “espacialização” dos corpúsculos luminosos junto ao campo etérico de suas invisíveis partículas iluminantes ocasionam a formação daquelas “criaturas luminosas”; sendo que a proliferação das luzes podem advir tanto do meio (ou seja, o espaço vivido na concretude do mundo) quanto pelo espaço vivido no interior da mente como forma de representação. Tudo vai depender muito do contato com experiências anteriores, bem como e acima de tudo, a singular organicidade da parte orgânica da psique de cada indivíduo.

Diante disto, lembramos que por se tratar de “luz”, ou seja, algo que ilumina tudo, tanto dentro, como fora de qualquer tipo substância (material e/ou imaterial), ou seja, tanto dentro como fora da mente, a “luz” por ser uma das poucas coisas que é algo “insondável”, por perpassar qualquer campo, qualquer superfície, abstrata ou concreta, leva-nos a crer que o problema, no caso, da eterização da própria luz poderá se tornar um caso completamente sem solução, ou melhor, indecifrável.

Neste exemplo de caso, Mueller como qualquer outro indivíduo (incluindo todos os seres, formas ou artefatos), está o tempo todo sujeito, ou melhor, *sendo-absorvido* de modo incomensurável e insondável pela luz do mundo, pela luz do espaço vivido. Não que a luz ou o éter sejam as causas primárias de um desencadeamento de uma mente “doentia”, mas a questão primordial talvez (e esta é a questão central de nosso ensaio), é - “como escapar do mundo se com olhos abertos eu sou ele e de olhos fechados também?”.

Talvez, mais ainda, o problema não esteja na criação cósmica deste espaço vivido por um Deus ou um Criador, mas o real problema talvez esteja no fato da capacidade da natureza psíquica humana de refletir *ao mesmo tempo* todos os fenômenos e, a partir do olho que dá a forma e da mente que reflete a imagem ocular, produzir uma imensidão infinita de relações como quantos corpos celestes haveria no céu.

4. CONCLUSÃO

Talvez, diante do que fora apresentado aqui muito brevemente sobre um tema muito denso e profundo, podemos concluir dizendo que há muito o que perceber quanto aos fenômenos psíquicos e suas possíveis psicopatologias no que concerne o *espaço vivido*. Se fala pouco sobre isto e aqui no Brasil então. Talvez, seguindo um pensamento quase que heideggeriano, uma boa parte das alterações mentais (que caem numa possível psicopatologia) sejam originadas da *relação do ser vivo com o ser vivo do espaço vivido*. Ou seja, Minkowski estava completamente correto! Assim, frisamos mais uma vez que *não é* o espaço vivido causa de uma diversidade de psicoses ou neuroses, mas, o contrário, *é o sentido* que se faz da relação com este espaço vivido, o que desembocaria numa espécie de “psicosssemântica do espaço”.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EINSTEIN, A. **Éter e a teoria da relatividade**. In: Aula inaugural proferida em 05/05/1920 na Universidade de Leyden, 1920.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- HUYGENS, C. **Tratado sobre a luz**. University of Chicago Press, 1960.
- HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- JASPERS, K. **Psicopatologia geral**. Livraria Atheneu, 1979.
- JUNG, C. **A energia psíquica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- KARDEC, A. **O livro dos espíritos**. IDE Editora, 2021.
- LEIBNIZ, G. **A monadologia**. Editora Hedra, 2009.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- MINKOWSKI, E. **O tempo vivido**. In: Revista da Abordagem Gestáltica, vol. 17, n. 1, 2011.
- ROERICH, H. *Infinito*. Agni Yoga Society, 1930.